

**Rios.** Projecto avaliou o estado das populações de diferentes espécies de peixes de água doce em cerca de duas centenas de locais no País. Há boas surpresas. E pontos negros também

## “Há rios com boa qualidade em Portugal”

**Abandono de algumas regiões ditou recuperação**

FILOMENA NAVES

As actividades agrícolas, os obstáculos que são as barragens (para os peixes migradores), os efluentes domésticos e industriais, toda esta pressão humana fez ao longo dos anos mossa nos rios, ribeiros e riachos portugueses. Mas, “ao contrário do que é geralmente apregoado, não temos um panorama de catástrofe e há rios com boa qualidade biológica no País, com comunidades e populações de várias espécies de peixes de boa saúde”.

Quem assim fala é João Oliveira, investigador e engenheiro florestal,

que desde 2004 coordena o projecto Aquariport (Programa Nacional de Monitorização e de Avaliação da Qualidade Ecológica dos Rios). E esta, “embora pelas piores razões”, foi uma boa surpresa para a equipa que andou no terreno. Mas que razões são essas?

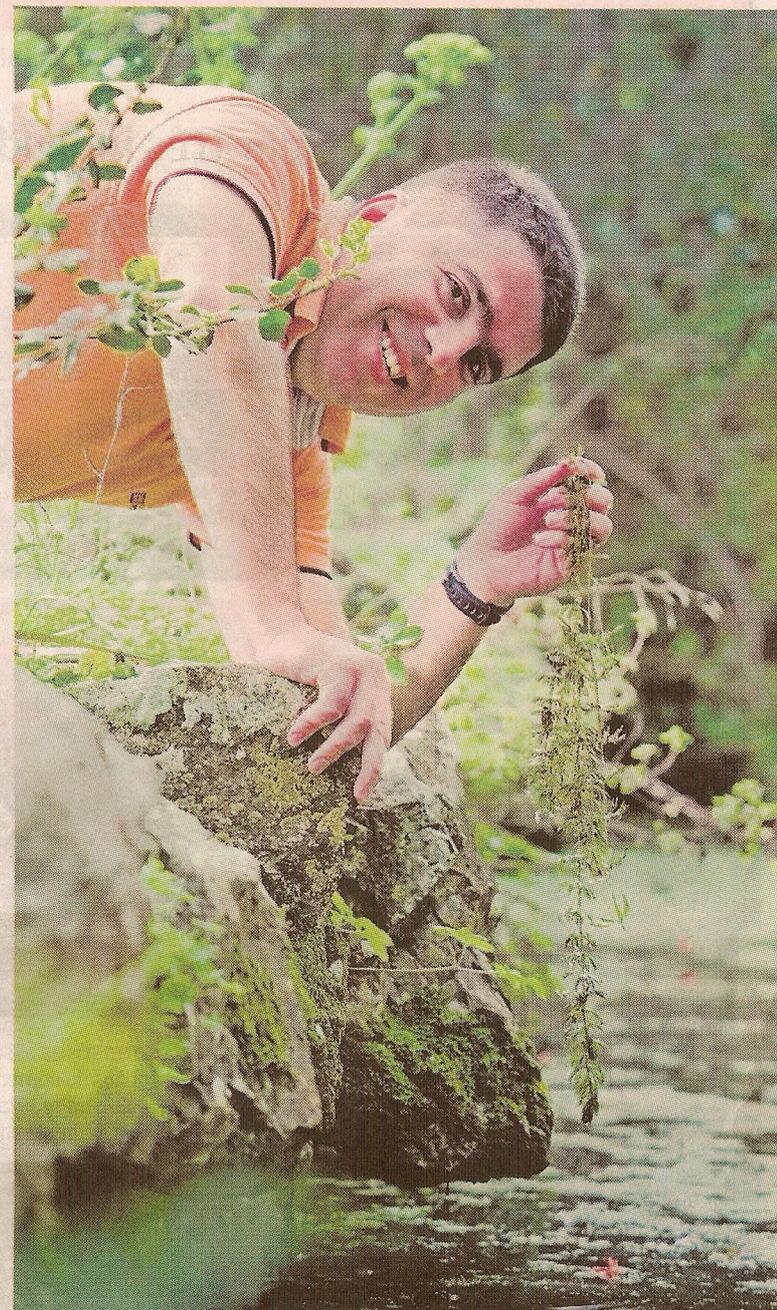
“Com o abandono de algumas regiões do País, nas últimas duas, três décadas, cessaram actividades agrícolas e fecharam fábricas que deixaram de poluir cursos de água, e onde isso aconteceu houve uma recuperação, que é hoje visível, na qualidade biológica dos rios”, explica João Oliveira. Serra de Grândola, Marvão, Serra de São Mamede, ou alguns pontos do rio Minho – “onde incrivelmente encontrámos zonas que pareciam intocadas por mão humana e completamente selvagens”, sublinha Olivei-

ra – são alguns exemplos (*ver gráfico*).

Desde 2004, quando o projecto Aquariport arrancou, o investigador sediado no Instituto Superior de Agronomia (ISA) tem percorrido o País com a sua equipa a avaliar as comunidades piscícolas para poder fazer a radiografia do que se passa a esse nível nos rios (e também nos cursos de água de menor dimensão) do País.

### Um retrato global

Financiado pela Direcção-Geral dos Recursos Florestais (que tem a seu cargo a gestão da pesca em água doce) o projecto pretende justamente fazer o levantamento global da situação, para permitir essa gestão com base em dados actualizados e fidedignos. E o primeiro retrato global da situação está feito, com o termo da segunda



João Oliveira coordena estudo das populações de peixes nos rios

fase do projecto a acontecer este mês, e o lançamento em livro dos dados recolhidos até agora realizado na última quinta-feira, no Instituto Superior de Agronomia.

Para fazer este levantamento, os investigadores definiram um total de 325 pontos de amostragem distribuídos por diferentes rios de todas as dimensões e em todas as regiões do território continental. Destas, duas centenas já estão feitas (concluindo assim a segunda fase do projecto), devendo as restantes ser completadas até 2009. Isto, claro, “se houver orçamento para continuar, uma vez que o projecto tem sido financiado numa base anual e ainda não tivemos confirmação de que há orçamento para o próximo ano”, explica João Oliveira.

Seja como for, o conjunto de dados reunido e tratado até agora, “é já uma base sobre a qual se pode trabalhar, do ponto de vista do objectivo último deste projecto, que é fornecer informação para fundamentar a gestão da pesca nas bacias hidrográficas portuguesas”, admite o coordenador do estudo.

## Pontos negros

Se houve boas surpresas no terreno, o estudo acabou por confirmar também os pontos negros. E isso não constituiu sequer surpresa. “Há locais com má qualidade”, diz o coordenador do trabalho. E sublinha que isso é sobretudo uma realidade “nas ribeiras do Oeste, devido à agricultura e às suiniculturas, na área metropolitana de Lisboa, embora alguma coisa já tenha aí melhorado devido ao esforço de tratamento de efluentes, e também no Ribatejo por causa, mais uma vez, das actividades agrícolas”.

## perfil

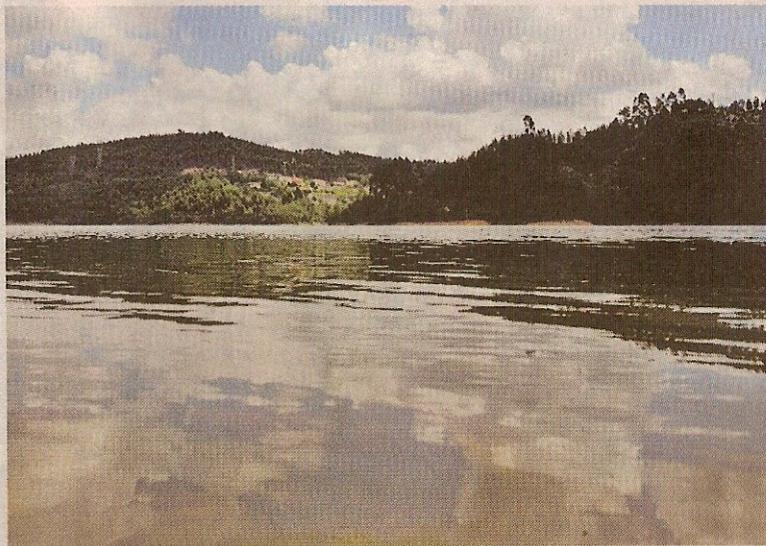
### JOÃO OLIVEIRA



- Doutorou-se em Engenharia Florestal, em 2006, no Instituto Superior de Agronomia (ISA), em Lisboa. Já antes tinha feito ali a licenciatura na mesma área
- Tem 38 anos
- É investigador no ISA
- Coordena o projecto AQUARIPORT

Na região de Lisboa o caso do rio Jamor acaba por ser outra surpresa. “Há 30 anos era um esgoto autêntico”, nota João Oliveira. Nos últimos anos, com o tratamento dos efluentes domésticos, “a situação ficou francamente melhor. Encontrámos ali populações mais numerosas do esperávamos de várias espécies”, garante o investigador. E não eram uns peixinhos quaisquer. Havia escalos, bogas e até enguias. Pelo contrário, a ribeira de Barcarena (ou dos Ossos, como também lhe chamam), junto ao Casal de São Marcos, Cacém, “tem pior qualidade”.

Outra mais-valia do trabalho é que ele permitiu desenvolver uma nova ferramenta para avaliar o estado de um ecossistema aquático, utilizando as comunidades piscícolas como bioindicador. “Estamos a ultimar a sua operacionalidade e a partir daí poderá ser utilizada no terreno por qualquer técnico”, conclui João Oliveira. ■



Nas regiões mais interiores do País há paisagens assim